

RELATÓRIO

45º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2023

CRÍTICA: SIMONE CARLETO

DIA: 11/11/23 **CATEGORIA:** ADULTO

PEÇA: SHOW DE VARIEDADES ILÍCIAS

GRUPO: KLAUS ARREPENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CIDADE: SÃO JOSE DOS CAMPOS - SP

Criatividade ácida co(r)roendo as amarras sociais

Por Simone Carleto¹

O universo da palhaçada inundou a cena de risos na noite de 11 de novembro de 2023, no 45º FESTE - Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba. Estudos sobre esse fenômeno, acerca do que pode se tornar risível vêm sendo feitos há muitos anos, e muito do que já se viu pode ser realimentado pelo contato com a obra *Show de Variedades Ilícitas*, produzida por Klaus Arrependimentos Artísticos. O espetáculo traz um trio de palhaços: Klaus (Marcio Douglas), aquele que anima festas de crianças; Medusa (Renato de Souza Junior), dito mago dos efeitos especiais; e Irmã Gorete (Adriana Marques), que abandonou o submundo e tornou-se supostamente mal-humorada. A dramaturgia se estabelece por um roteiro de números de variedades criadas especialmente para a montagem, compondo o universo atoral da peça. Assim, canções contam a história do encontro dos dois palhaços e palhaça, ambientam cenicamente a trabalho relacional com o público, e estabelecem a base sonora para os chamados números de variedades. Além

¹ Crítica do 45º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, professora e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

das canções, o som do espetáculo é composto por música mecânica operada pelo palhaço Medusa, que com pouca expressão verbal, se manifesta por gestualidade característica e corpo delineado por figurino ajustado às formas corporais, evidenciando a genitália. Entre músicas com funções sonoplásticas, bases para as apresentações musicais do trio, surgem momentos nos quais Klaus dirige orientações e ordens a Medusa. A operação de luz é de Bianca Burgomeister. De modo geral, Klaus se caracteriza no *Show* como mestre de pista, organizando as apresentações dos números e convocando Medusa e Gorete às ações. Ela, a palhaça gata magnífica estupenda deslumbrante, surge com uma aparência impactante, capturando os olhares para ela, devido à sua aparição sensual, brilhante e com a expressividade bem marcada por uma espécie de tônus sedutor de atitude irretocável nas movimentações, no andar, na dança, na manipulação de objetos, estabelecendo um ritmo especial para a cena, que ganha leveza e graça em meio às críticas sociais cortantes que fazem parte dos focos temáticos do espetáculo. As camadas dramatúrgicas manifestas pelo texto e organização das cenas tratam do mundo real da palhaçada como um trabalho, como área específica da linguagem artística teatral (o que traz para a obra um caráter metalinguístico acerca do teatro, do palhaço e dos espetáculos de variedades), e também como um estrato que revela a vida social, com suas hipocrisias, vernizes, equívocos de toda ordem, além das ilicitudes políticas. Esses elementos ficam marcados desde o início, quando Klaus estabelece um certo contrato com o público, em que não se responsabiliza pelas expectativas alheias. Trata-se de um importante ponto de partida para que o público esteja à vontade para imaginar, enxergar-se em suas contradições sociais e perceber-se disposto a embarcar em uma aventura ao fracasso como dado em um sistema excludente, opressor e falacioso. Há um adágio popular segundo o qual "É brincando que as verdades são ditas". O *Show de variedades ilícitas* aborda temas que provocam reflexões sobre debates polêmicos socialmente, como o uso das religiões como dominação dos chamados instintos humanos, a guerra às drogas, atividades politicamente incorretas, assim como a própria noção de divertimento e ludicidade relacionada ao mundo do circo, dos palhaços e de determinada comicidade. Porém, no caso do *Show de Variedades Ilícitas* a brincadeira tem requintes corrosivos de qualquer vestígio de hipocrisia, recorrendo ao grotesco, às transgressões e ao imprevisível. Surpreendente, traz algumas revisitações de elementos presentes em *Animo Festas* (espetáculo de 2015, que notabilizou características peculiares do Palhaço Klaus), como a participação do público que, em sendo adulto, é convidado a experimentar o jogo que acontece no número "Boteco do Klaus" e concorrer a um "kit ressaca", composto por macarrão instantâneo, refrigerante e medicamento. Aquela/e participante que beber

mais recebe o prêmio. As consignas em uma roleta girada pelo Palhaço Klaus apontam para as opções: bebida misteriosa, escolha da bebida por uma ou outra pessoa jogadora em função da cor do copo amarelo ou azul, e uma bebida que pode ser escolhida pelo próprio Klaus.

Cenas de ilusionismo e malabarismo são utilizadas, uma delas com o suposto roubo de uma carteira de pessoa do público, outra com o sumiço do pó em um prato, além do malabarismo com luzes. Também há um número com inspiração acrobática, no qual a estrela é a Palhaça Irmã Gorete. Com precisas alusões ao seu passado progresso, a cena é elaborada com justa medida na qual não se corre o risco de objetificação do corpo da mulher, em que a bela atriz Adriana Marques demonstra habilidade corporal flexível, enquanto seus *partners* aparecem levemente “contundidos” ao realizar as evoluções acrobáticas relativamente simples. Essas e outras aproximações ao repertório circense funcionam como reprises da própria função artística, considerada como metáfora do mundo do trabalho e das relações humanas.

Considerando o grotesco como característica de certo modo subterrâneo às estruturas conscientes mais imediatas, bem como aspectos “guardados em cavernas”, tornando-se espaços obscuros e úmidos de nossos seres sociais, nos quais podem proliferar seres inimagináveis a povoar nosso imaginário, nossas subjetividades e relações, ele pode ser revelado para nós mesmos ao nos deixarmos afetar pelas atuações de Klaus, Gorete e Medusa. Pelo riso advindo das oposições ao politicamente correto, da exacerbação dos erros e da evidenciação da impossibilidade de estar sozinho e “ser feliz”, o ridículo assumido pela tríade palhaça pode, ao contrário de prognósticos apressados que venham preocupar-se com “maus exemplos que essa extirpe de personagens possa representar a uma criança”, tende a baixar expectativas irreais e deflagrar as postagens felizes das redes sociais como deformações mais vertiginosas que aquelas que podem nos aterrorizar no teatro. Essa função descortinadora da arte tem um quê de inovação das formas tradicionais, cujo caminho de assumir as palhaças e palhaços como patrimônio imaterial, legado de conhecimento e de manifestação — que é quando determinado fenômeno se dá em sua plenitude de aparição — trata-se de um ato de resistência e de possibilidades de um devir coletivo, relacional... Parafraseando João Cabral de Melo Neto, constituindo um tecido como tenda que se eleva, como luz balão, a iluminar e guiar processos de criação.

O público que lotou a sessão do 45º Feste no Teatro Galpão na noite de sábado, reconheceu, por meio das palavras colhidas, assim como pelas falas, durante o bate-papo coordenado por Mauro Moraes, também com presença do mestre Alexandre Mate (que também produziu texto a respeito), a potência da elaboração atoral feita pelo coletivo,

tornando os momentos vivenciados repletos de experiência viva e contundente, prenhe de significados que serão reverberados em quem esteve presente na noite ilícita, que nos permitiu gargalhar coletivamente e expurgar um tanto de dores acumuladas por tempos sombrios que “havemos de atravessar”.